

Os Nomes e os ‘Verbos Suporte’

Clara Nunes Correia
FCSH-UNL

Introdução

Nas diferentes análises feitas sobre Verbos Suporte encontramos uma sistematicidade no funcionamento desses Verbos: ocorrem ou são geradores de ‘expressões fixas’, apresentando regularidades sintáctico-morfológicas precisas: nestes casos, não podem ser passivados, não admitem nominalizações, não permitem a alteração do número gramatical dos argumentos que ocorrem à sua direita e não permitem a inter-substituição do determinante. São estas características, entre outras, que permitem considerá-los como Verbos Suporte (V_{sup}).

Assim, os verbos *dar*, *fazer* e *pintar*, por exemplo, quando ocorrem como expressões fixas, (doravante EF), como

- (1) dar o corpo [ao manifesto]
- (2) fazer a festa [e deitar foguetes]
- (3) pintar a manta

resultam como sequências agramaticais sempre que qualquer das restrições apresentadas acima lhes são aplicadas:

- (1a) *o corpo ao manifesto foi dado por X
- (1b) *a dádiva do corpo ao manifesto
- (2a) *fazer as festas [...]
- (3a) *pintar uma manta

O que se torna curioso é que quando estes mesmos verbos são considerados como verbos plenos (doravante V_{pl}) quaisquer destas restrições desaparecem, como se pode verificar em sequências como:

- (2b) as casas foram feitas por X
- (3b) X pintou uma manta que tem em casa’...

Esta dualidade de critérios parece corroborar as diferenças que os diferentes autores advogam: existe para o mesmo item lexical a possibilidade de ser analisado segundo uma categorização diferente, sendo interpretados polissemicamente.

Nesta comunicação tentarei mostrar, no entanto, que a diferente etiquetagem entre Vsup e Vpl pode ser repensada, propondo, em alternativa, que, subjacente a essa etiquetagem, existe uma estabilidade gramatical comum que une os Vsup e os Vpl e que os determinantes que antecedem os argumentos internos desses verbos resultam de operações diferentes quando ocorrem em EF ou não, independentemente de serem representados pelo mesmo marcador.

Assim, e a partir de alguns pressupostos teóricos, procurarei defender que:

- a diferente formação de ocorrências de um Vsup e de um Vpl é feita a partir de uma mesma Forma Esquemática (no sentido culioliniano do termo)
- os diferentes marcadores de determinação nominal assumem valores diferentes porque representam operações diferentes
- as EF resultam de uma formatação nocional que incide sobre a totalidade do enunciado onde essa expressão ocorre e não sobre cada uma das suas ocorrências

Formas Esquemáticas e formatação de ocorrências

A proposta de um conceito de Forma Esquemática deve-se a Culioli [1986] (1990): 129) que a define como uma forma abstracta de base, construída a partir de uma forma empírica e das suas propriedades distribucionais. Os diferentes termos que constituem a FE relacionam-se entre si a partir da operação de localização abstracta, o que permite verificar qual, ou quais, os termos localizados e os termos localizadores que definem, ou ajudam a definir, uma determinada entidade.

Seguindo esta proposta, verificamos que a forma esquemática de ‘pintar’, ‘dar’ e ‘fazer’, por exemplo, deverá ser uma única, para cada um dos verbos, independentemente de existirem ocorrências específicas nas diferentes línguas. Assim, qualquer um destes verbos apresenta uma aparente transitividade, isto é, apresenta obrigatoriamente um argumento interno (tema) e um argumento externo (agente). Formalmente essa FE pode ser representada, de uma maneira simplificada como $X_{dar/pintar/fazer} \dots Y$. As propriedades semânticas e sintáticas desses verbos manter-se-iam, segundo esta proposta, inalteráveis, o que permitiria enquadrar as EF como casos particulares de lexicalização nas diferentes línguas e como entidades ‘marginais’ justificadas quer por razões históricas, quer por razões sociolinguísticas (ver, entre outros, Álvarez de La Granja 2002).

Deformabilidade das formas: a estrutura em came

Teoricamente uma FE define a estabilidade a nível nocional prevendo-se, no entanto, uma plasticidade das ocorrências dessas noções quando afectadas pelos valores das diferentes categorias gramaticais. Assim uma determinada ocorrência é categorizada em N ou V, por exemplo, a partir das relações que estabelece com outras entidades e naturalmente dos valores que a marcam gramaticalmente (número, tempo, aspecto...). É graças a essa ambivalência que é definida ambiguidade na categorização em PE de entidades como ‘casa’, ‘a’, ‘pinta’, etc.

A estas constatações mais ou menos intuitivas, e raramente referidas nas Gramáticas, pode-se acrescentar um conjunto de outras reflexões em que, se pensarmos nas diferentes formas da flexão verbal apenas do PE, verificaremos que o valor dessas formas de flexão, por si só, podem não ser suficientes para delimitarem as diferentes ocorrências. Veja-se o exemplo clássico de

(3c) X pinta

(3d) X pinta a casa [para o ano]

em que a um valor de habitual (imperfectivo) de uma actividade se opõe um valor temporal de posterioridade de um evento perfectivo.

A questão relevante que se pode colocar é a de se saber como pode ser estabilizada esta instabilidade categorial e gramatical.

Um dos caminhos possíveis, numa perspectiva semasiológica, seria o de se descreverem estas formas e caracterizá-las segundo um contexto ou um contexto bem definidos. Outra hipótese, centrada apenas na onomasiologia, seria a de definir *a priori* qual, ou quais, as categorias implicadas e 'preenchê-las' com as formas disponíveis. Como sabemos qualquer destes caminhos autonomamente é insuficiente na sua capacidade de generalização. Recorrerei, por isso, a uma hipótese que abarca as duas perspectivas: se as diferentes formas linguísticas definem o seu valor (no sentido saussureano do termo) a partir das relações que estabelecem com outras e se cada forma define abstractamente uma FE em que está prevista esta inter-relação, quando se passa daquilo que é abstracto e nocional para a realização dessas formas verifica-se que existem novos valores que são construídos e reconstruídos quando localizados em relação a um sistema referencial. Assim, à FE de *dar/pintar/fazer...* podem ser acrescentados valores que resultam dos parâmetros SU/ESP/TEMP. Estes novos valores respeitam a FE donde se partiu e mantém entre si propriedades que lhes são comuns. Esta estruturação de valores e formas pode ser visualmente descrita por um estrutura em came (Culioli 1968).

Verbos e nomes: categorização e recategorização gramatical

As relações que se estabelecem entre Vs e Ns têm sido alvo de muitas análises semânticas, sendo, naturalmente, as mais interessantes para este trabalho as que incidem sobre a composicionalidade da categoria Aspecto (ver, sobre este tema...) Independentemente destes trabalhos incidirem sobretudo sobre o aspecto verbal, um dos pontos determinantes prende-se com as diferentes relações que as formas verbais mantêm com os SNs (e os adverbiais) que co-ocorrem com eles. Deste modo, os valores aspectuais de, por exemplo, *pintar* seriam diferentes consoante o valor do SN e do adverbial que com ele ocorressem, como se poderá ver, por exemplo, em

(3f) X já pintou [já não pinta = mudança de estado]

(3g) X pintou a/uma/ ?ø casa(s) em 3 dias [a casa está pintada = construção de um estado resultante]

(3h) X pintou a / uma casa durante três dias [a casa não está pintada = valor não perfectivo]

(3i) X pintou casas durante três dias [actividade de X = X é/foi pintor de casas]

(3j) X pintou em 3 dias [aprendeu a pintar = passagem de um limiar semântico]

Os exemplos clássicos acima referidos vêm corroborar algumas das análises que têm sido feitas. No entanto, desprezando os dados apresentados nas suas possíveis consequências para a categoria Aspecto, por não ser pertinente para este trabalho, poderemos verificar que o facto de existir uma mudança de determinação do SN OD (cf. Exs.: 3g/3h/3i) faz com que as sequências sejam forçosamente interpretadas de forma diferente: se nos dois primeiros exemplos a interpretação incide sobre um evento realizado ou em curso, no último caso existe uma recategorização de um evento numa actividade, incidindo sobre X essa propriedade – a de *ser/ter sido* pintor [de casas]. Da mesma forma as sequências em que não existe realização de OD (cf. Ex: 3f e 3j), a interpretação dessas sequências incide obrigatoriamente sobre X (em ambos os casos mudança de estado, embora de sentido inverso – *pintar* – (já) não *pintar* / (ainda) não *pintar* – *pintar*).

Um dos factores responsáveis pela recategorização de entidades sob o ponto de vista semântico prende-se com a formatação diferenciada das ocorrências nocionais. Essa formatação é feita tendo como base um domínio nocional, topologicamente definido com um C(entro), um I(nterior), um E(xterior) e uma F(ronteira). Cada ocorrência linguística será definida tendo em vista a sua relação com cada uma destas zonas. É esta definição topológica de ocorrências que permite formatá-las intrínseca ou extrinsecamente, ou simplesmente construir valores tais que permitem reenviar a ocorrência à noção. A análise tripartida das ocorrências enquanto discretas, densas ou compactas assenta nesta topologia.

Verbos plenos e Verbos Suporte: etiquetagem para uma polissemia categorial

A distinção proposta por Gross (1996) para a diferenciação entre V_{sup} e V_{pl} é baseada em critérios funcionais e distribucionais, alguns dos quais já foram referidos acima.

Neste trabalho proporei (no seguimento de outros trabalhos, nomeadamente Correia & Campos (no prelo)) que é possível ‘apagar’ esta distinção tendo em conta sobretudo a formatação nocional das ocorrências linguísticas, defendendo-se que o que distingue um V_{sup} de um V_{pl} é a forma como as ocorrências linguísticas se relacionam tendo subjacente uma única FE

O entendimento que faz com que se atribuam valores semânticos diferentes aos exemplos exemplificados acima (cf. Ex: 1, 2 e 3) baseia-se, nesta proposta, numa formatação compacta, o que implica que se reenvie as diferentes ocorrências às noções (complexas) que lhes são subjacentes. Do mesmo modo, quando estamos face a uma predicação cujo predicado é sintacticamente um verbo pleno, a formatação das ocorrências é preferencialmente discreta porque delimitada.

Esta diferença é visível em exemplos como

- (4a) X deu um/dois/muitos livro(s) - funcionamento discreto, verbo dar = V_{pl}
- (4b) X deu grandes saltos [no torneio] – funcionamento denso, verbo dar = V_{sup}
- (4c) X deu o salto – funcionamento compacto, verbo dar = V_{sup} (EF)
- (5a) X fez uma/duas/muitas conta(s) - funcionamento discreto, verbo dar = V_{pl}

- (5b) X fez contas difíceis [na escola] – funcionamento denso, verbo dar = Vpl
 (5c) X fez contas à vida – funcionamento compacto, verbo dar = Vsup (EF)
 (6a) X pintou uma/duas/muitas casa(s) – funcionamento discreto, verbo pintar = Vpl
 (6b) X pintou casas [quando era novo] – funcionamento denso, verbo pintar = Vpl
 (6c) X pintou a manta – funcionamento compacto, verbo pintar = Vsup (EF)

Reanálise dos dados

Estes exemplos mostram, numa primeira análise, que as diferenças que o mesmo item lexical apresenta, podem ser interpretadas de forma diferente. Numa segunda análise, se nos centrarmos, apenas, na oposição entre os exemplos (a) e (c), podemos verificar três pontos que parecem ser sistemáticos em qualquer destes exemplos:

- (i) os valores temporais e aspectuais de (a) e (c) têm uma natureza eventiva, com valor perfectivo (nestes casos, graças ao PPS); uma diferença no entanto visível nestes dados é, se nos centrarmos em (4c), verificar que, neste caso, existe obrigatoriamente a construção de um evento de natureza instantânea, enquanto nos exemplos restantes os eventos têm (ou podem ter) uma interpretação de evento prolongado;
- (ii) os determinantes que antecedem os argumentos dos exemplos (a) são as marcas ou de uma operação de extração (se indefinidos) ou de identificação qualitativa (se definidos); em (c) o determinante identifica a ocorrência à noção, não sendo permitida qualquer alteração do seu valor;
- (iii) os nomes, núcleos do argumento nominal OD, em (a), apresentam uma formatação comum à formatação do predicado: em (a) todos os Ns são Ns discretos; em (c) os Ns desse argumento nominal, por outro lado, passam a ter um funcionamento compacto, construindo uma ocorrência linguística cujo valor reenvia para uma noção complexa, não podendo ser, por isso, fragmentada ou delimitada;

Para além destas constatações fica ainda por resolver a dualidade que a polissemia destas formas apresenta: *dar/fazer/pintar* são, em cada um destes casos, verbos diferentes ou um único verbo?

Como hipótese retomarei a proposta feita anteriormente: subjacentes às formas linguísticas apresentadas (representantes da deformabilidade), existe uma FE (marcadora da estabilidade linguística). A relação que cada grupo de exemplos mantém entre si está dependente desta relação entre a FE e as diferentes formas linguísticas. Esta relação recupera a estruturação em came, fazendo com que cada ocorrência seja construída autonomamente, mantendo, no entanto, uma relação estável com a FE de base.

Esta afirmação pode assim ser representada esquematicamente, e tomando o Verbo 'dar' como exemplo:

/DAR/
X DAR Y (Z)

X dar um livro [oferecer/entregar a]	X dar ø saltos [saltar]	X dar o salto [fugir]
_____	X dar ø nós [atar]	X dar o nó [casar]
_____	_____	X dar ø fé [aperceber-se]
_____	X dar ø contas [relatar]	X dar ø conta [aperceber-se]
X dar uma carta [oferecer/entregar a]	X dar ø cartas [distribuir]	X dar ø cartas [ser conhecedor de]
		...

Note-se no entanto que ‘dar’ ou ‘fazer’, por exemplo, poderão ser considerados como V_{sup} mesmo quando não ocorrem com expressões fixas. Exemplos como

(7a) O João deu uma contribuição decisiva ao debate (Duarte 2003: 312)

(7b) A Maria fez imensas queixas à Maria (Duarte 2003: 312)

apontam nessa direcção.

Como uma primeira conclusão poderemos afirmar que, sob o ponto de vista da formatação de ocorrências, são verbos lexicais os que ocorrem em enunciados com funcionamento discreto (cf grupo 4/5/6 (a)), são verbos suporte os que ocorrem em enunciados com funcionamento denso (cf 7 (a e b)) e que integram predicados complexos (ou unidades semânticas complexas), em que o N é de natureza eventiva (Bosque & Demonte 1999). São também verbos suporte os que integram expressões fixas e que apresentam funcionamento compacto (cf grupo 4/5/6 (c)) (de acordo com Correia & Campos (no prelo)).

Conclusões: as bases para um projecto de investigação

O trabalho que agora se apresenta constitui uma das vertentes que integra um projecto de investigação sobre a estabilidade das formas gramaticais, tendo como ponto de trabalho a observação de deformabilidades que essas formas sofrem tendo em conta o seu funcionamento em sistemas linguísticos diferentes. A aceitação de um princípio metalinguisticamente regulador dessas formas – a Forma Esquemática – permite afirmar que ao definirem-se relacionalmente os termos gramaticais ou lexicais disponíveis num determinado sistema linguístico, estes podem adquirir valores que só aparentemente contrariam a formatação intrínseca das ocorrências nocionais. Centrando-nos em ocorrências de verbos que, em PE, são geradoras de expressões fixas como as exemplificadas acima, verifica-se existir uma sistematicidade no funcionamento dessas expressões, estando a sua interpretação dependente quer de um dado contexto cultural, quer da estruturação intrínseca dessas formas. Ao

aceitarmos que qualquer EF remete obrigatoriamente para uma noção complexa e se se aceitar que as noções são feixes de propriedades físico-culturais, entender-se-á que a interpretação diferenciada de *dar/ pintar* ou *fazer* quando são interpretados como Vsup, por exemplo, não constituem entidades linguísticas diferentes, mas podem construir – de acordo com as relações que definem com outros termos – funcionamentos sintáctico-semânticos só aparentemente marginais.

Referências

- Álvarez de La Granja, M. (2002) *Aproximación ó estudio das unidades fraseolóxicas en galego: as locucións verbais*. Tese de Doutoramento, Universidade de Santiago de Compostela. (ms).
- Bosque, Ignacio & Violeta Demonte (1999) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa.
- Correia, Clara Nunes & M. Henriqueta Costa Campos (no prelo) Construções com *dar/ fazer SN* em português europeu. In *Anais do III Congresso Internacional da ABRALIN*. Rio de Janeiro, 2003.
- Culioli, Antoine [1968] (1999) La formalisation en linguistique. In Culioli, A. *Pour une linguistique de l'énonciation II*. Paris: Ophrys, pp. 17-29.
- Culioli, Antoine. [1986] (1990) Stabilité et déformabilité en linguistique. In Culioli, A. *Pour une linguistique de l'énonciation I*. Paris: Ophrys, pp. 127-134.
- Duarte, Inês (2003) Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In Mateus, M. H. M. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 275-321.
- Gross, G. (1996) *Les expressions figées en français – noms composés et autres locutions*, Paris, Ophrys.